

Asurmendi integra o Eclesiastes no jogo de espelhos ou de diferenças e de contrastes próprio da Bíblia, que não obedece à linearidade de um discurso lógico mas exprime a experiência existencial e religiosa do ser humano ao longo de toda uma história de salvação. Citando Jacques Ellul, considera que ele não é filosofia nem sabedoria nem teologia: é a *condição* de todas elas. Ele permite ao crente não firmar a sua fé (e a sua esperança) numa atitude de ilusão, de encantamento afetivo e voluntarista, facilmente transformando essa fé em ideologia. Coeleth é o Sancho Pança da Bíblia, apenas sem a graça deste. Ele tempera com o seu realismo o idealismo utópico de Dom Quixote. Ilustra que a salvação não é coisa fácil e de alcance mais ou menos imediato: no horizonte deste mundo tudo continua a passar-se entre a utopia e o desencanto; a salvação permanece oculta e negada. Coeleth é a encarnação do desencanto. Ele convida, por isso, a procurar mais além. Ele terá a sua ilustração mais eloquente no vazio sem-sentido de Sábado santo, que é uma evidência depois da morte e aparente derrota de Cristo. É porém então que se está às portas da Ressurreição e da salvação. Coeleth é pois condição para uma fé madura ou adulta.

Ao longo de nove capítulos, precedidos de uma introdução (elucidativa sobre vários aspetos do livro) e seguidos de uma conclusão muito bem conseguida, Asurmendi analisa e interpreta um série de núcleos temáticos deste livro sapiencial: tempo, história e memória; trabalho, sabedoria e prazer; comunicação, linguagem e sabedoria; dinheiro e fortuna; justiça; Coeleth e Deus. Segue-se um capítulo sobre a posteridade de Coeleth e um último apresentando algumas ressonâncias em filósofos, escritores e artistas famosos: Montaigne, Voltaire, António Machado, T. S. Eliot, Jorge Luís Borges, etc. Do ponto

de vista metodológico, em regra, em cada capítulo procede primeiro à análise e a observações literárias, e depois à leitura teológica. O seu estudo, a meu ver, pode bem inscrever-se na ordem daqueles que fazem progredir os estudos bíblicos. Recomenda-se especialmente aos docentes de Sagrada Escritura, sobretudo do Antigo Testamento.

LUÍS SALGADO

ÁLVAREZ BARREDO, Miguel, **El libro de Malaquías. Dependencia terminológica y fines teológicos**, Editorial Espigas / Publicaciones del Instituto Teológico de Murcia OFM, Serie Mayor 57, Murcia, 2012, 260 p., 240 x 170, ISBN 978-84-83888-13-9.

O livro de Malaquias tem por detrás de si a destruição de Edom e, com esta, a perplexidade e a dúvida sobre a fidelidade de Deus no ânimo do povo de Judá, ao tempo em que esteve subjugado aos persas. Este ceticismo reflete-se na falsidade do culto e na fraude dos dízimos. As questões que afloram sobre este ceticismo representam o núcleo mais antigo do livro. Na sequência, e antes das reformas de Esdras e Neemias, sobrevieram desvarios éticos, concretamente o divórcio e os matrimónios mistos, que crescem posteriormente àquele núcleo originário do livro. Malaquias trata, porém, de outros temas muito diferentes destes, a denunciar a escrita num período mais tardio. É o caso das tensões entre justos e ímpios, a que se liga o tema clássico da retribuição dos primeiros e do castigo dos segundos, com a inerente linguagem apocalíptica em referência à vinda justiceira do Senhor. Considera-se que estas partes foram redigidas posteriormente, entre os séculos IV e III a. C., sendo acréscimos ao

núcleo originário. Há ainda que ter em conta dois apêndices acrescentados cerca de um século mais tarde, na passagem do séc. III para o II.

Este estudo de Alvarez Barredo detém-se antes de mais na análise desta gênese do texto. Procura depois responder a questões linguísticas como as seguintes: O texto é original? ou, antes, acolhe a tradição anterior? Foi inicialmente uma mensagem oral? Quais as linhas diretrizes que orientaram a escrita do livro?

O autor tem em conta os estudos produzidos antes dele. A sua intenção de fundo é a de procurar estabelecer o âmbito e o quadro históricos subentendidos por este livro profético (capítulo I). Depois, procura identificar o núcleo originário e os acréscimos e as releituras sucessivas (capítulo II). Em seguida tenta uma delimitação sistemática da terminologia baralhada em razão da multiplicidade das influências (capítulo III). Finalmente, estuda as disputas, com as respostas escalonadas de Deus ao seu povo em texturas de perplexidade e dúvida (capítulo IV). Em jeito de conclusão, apresenta os dois apêndices redacionais.

Com razoável bibliografia adequada ao tema.

RAUL AMADO

PUIG I TÀRRECH, Armand (a cura de), **Pau, Fundador del Cristianisme?**, série «Scripta Biblica» 12, Associació Bíblica de Catalunya / Publicacions de l' Abadia de Montserrat, Tarragona, 2012, 200 p., 235 x 155, ISBN 978-84-9883-477-2.

O título desta coletânea organizada por Armand Puig i Tàrrach – título retirado da escola liberal e em Portugal acolhido

como tese, sem interrogação, p. ex. por Teixeira de Pascoaes, – foi escolhido para congregar três constelações de estudos centradas respetivamente nas chaves de interpretação do pensamento paulino, na sua teologia e na relação entre Paulo e Jesus. O primeiro tema tem por detrás de si o debate dos últimos anos sobre um «novo paradigma» na hermenêutica paulina, tendente a desembocar num «novo paradigma radical». Com esta questão uma outra foi agitado o mundo da investigação escriturística, a saber, sobre o judaísmo de Paulo e a inerente conceção paulina da lei, com recurso à distinção entre o genuíno pensamento do Apóstolo e o pensamento de Lutero sobre a doutrina da justificação. Mas no fundo das preocupações de Paulo em seus escritos está a sua teologia sobre Cristo como o Salvador, ou a sua cristologia soteriológica, tendente a afirmar o Senhor como nosso «supremo bem» (Flp 3, 8) e como vencedor final sobre os poderes cósmicos ou os «elementos deste mundo» (Gal 4, 3). A relação de Paulo com Jesus, como seu grande intérprete, com a sua posição de unidade fundamental entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, constitui a temática da terceira constelação.

Os estudos conexos com a primeira constelação são elaborados por Xavier Alegre («Tesis sobre la comprensió de la Llei a Pau: Qüestionaments a propòsit del “Nou Paradigma” en la interpretació de Pau») e Jordi Cervera i Valls («La matriu jueva de Pau»). Os da segunda têm com autores Agustí Borrell («El coneixement de Jesucrist, bé suprem (Fil 3, 8) e Enric Cortès («Els “principats i potestats” i els “elements del món” en Pau»). Na terceira constelação integram-se os estudos de Armand Puig i Tàrrach («El lloc del Jesús de la història i de la història de Jesús en l'Evangelí de Pau» e de Begonya Palau («Lleis alimentàries en Jesús i en Pau»).